

Francisco Dantas, um brincalhão que falava sério

>> **Rosi Oliveira**
Redação DS

Nascido em Paldolio, uma pequena cidade no Rio Grande do Norte, no dia 11 de novembro de 1917 em família bastante humilde, onde convivia harmoniosamente com mais sete irmãos. Francisco Avelino Dantas desde muito cedo começou a trabalhar para ajudar a família e aprendeu a edificar sonhos, construindo casas que abrigavam e davam segurança.

Numa noite, em uma das festas de quermesse num sítio, sentados em um corredor, Francisco e seus amigos brincavam colocando o braço na

frente das pessoas que por ali passavam. Quando alguém se chateava eles tiravam o braço, mas caso aceitasse a brincadeira sem ofensa, faziam um gracejo e liberavam a passagem. Foi dessa forma que conheceu a moça que viria a ser a mãe de seus filhos. “Quando ela passou pelo corredor ele passou a mão pelos cabelos de minha mãe, e foi ali que o namoro começou, seguido logo de casamento, pois antigamente as moças não eram para namorar, então não podia demorar muito”, conta o filho, Francisco Dantas Filho.

Após um namoro curto o casal se casou e mudou-se para perto de San-

ta Maria, uma pequena cidadezinha para cuidar de um pedaço de terra do sogro e dessa união nasceram 13 filhos, sendo seis homens e sete mulheres.

Depois de um tempo, mudaram-se para o Paraná, onde ficaram por um tempo, mas certo dia, chegaram corretores na cidade anunciando que vendiam terra no Mato Grosso, e um deles sabia que Francisco tinha muita vontade de mudar de região. “ Não sei como apareceu uma van lá com esses corretores vendendo terra e meu pai se empolgou”, disse a filha Antonieta.

“Eu lembro que tinha um rapaz que era corretor lá na cidade e ele tinha



De acordo com os filhos o corretor foi bastante astuto, e consegui influenciar Francisco

vendido um sítio aqui em (Tangará da Serra), para um dentista, que descobriu depois que aqui não havia ninguém ainda para ser sua clientela. Então, o dentista decidiu vender o sítio daqui, e o corretor sabia que meu pai queria comprar uma terra,

porque já tinha comprado terra dele, mas depois descobriu que no local havia muita doença e voltou atrás no negócio. Então o corretor foi atrás de meu pai com o dentista e fizeram uma barganha na terra que ele tinha aqui, com nossa pequena terra

lá. Fez tudo sem conhecer nada”, lembra o filho.

Do negócio, Francisco recebeu uma volta em dinheiro e comprou outra terra também em Tangará, da qual somente havia ouvido falar sem nem saber para que lado era, e o que realmente havia no lugar.

De acordo com os filhos o corretor foi bastante astuto, e conseguiu influenciar Francisco, com promessas e mais promessas. Vendeu uma imensa ilusão de que aqui ele ganharia dinheiro porque era carpinteiro e pedreiro e que chegavam muitas famílias que careciam de mão de obra especializada para edificar as moradias e comércios do lugar.

Francisco e filhos numa viagem rumo ao desconhecido

Dificuldades que somente fortaleceram um guerreiro



De acordo com os filhos o corretor foi bastante astuto, e conseguiu influenciar Francisco

>> **Rosi Oliveira**
Redação DS

Seu Francisco então bastante influenciado e com a certeza de que havia feito o melhor negócio do mundo, no dia dois de setembro de 1961, juntamente com a família arrumou a mudança e carregaram um pequeno caminhão com os pertences dos filhos, e se colocaram na estrada rumo a uma nova vida que seria cheia de descobertas e aventuras. “Saímos de lá no dia dois e chegamos no dia sete, foram cinco dias de viagem em cima de um

caminhão. E quando chegamos aqui foi uma desilusão, porque não tinha nada do que o corretor havia prometido, somente existiam sete casebres, foi terrível !. Quando chegamos em Nova Olímpia, perguntamos para o motorista se estava perto pra descermos do caminhão, mas ele disse que não estava perto e “carcou”o pé no carro que quase explodiu, as árvores foram quebrando nossa mudança, ficaram pedaços de guarda roupa pendurado na serra, e a gente que já não tinha muita coisa perdeu mais ainda”, conta a filha.

De acordo com as nar-

rativas dos filhos o local era tão ermo e distante que as sete famílias que aqui moravam já sabiam que estavam chegando visitas, devido aos faróis que eram vistos ao longe. Daí as pessoas corriam para ver quem chegava, pois era uma novidade.

E foi assim que a família foi recepcionada, pelos poucos moradores da ainda em descobrimento Tangará da Serra. “Chegamos e foi terrível !. Eu chorei de lá até aqui, até emagreci !. Quando chegamos foi pior, não tinha nada, hotel, amigo, parente, nem lugar para dormir. Quando meus

irmãos que vieram para conhecer o lugar viram o local, disseram: - Veja papai onde o senhor enfiou a nossa família !. Pela primeira vez, vi meu pai abaixar a cabeça para um filho. Quando chegamos foi difícil, não tinha para onde ir, não tinha hotel, nada, nada mesmo. Fomos acolhidos por uma amiga que tinha fugido com o namorado para cá, que nos ofereceram uma lona para cobrir nossas coisas e ficamos num barracão na casa deles por sete dias” recorda a filha de Francisco. Mas, mesmo com todo o desconforto e contrariedade da família Francisco resolveu ficar e apostar na cidade. “Meu pai foi um guerreiro, enfrentou tudo de cabeça erguida, apesar do desapontamento de toda a família. Inclusive de meus irmãos que voltaram e disseram que mandariam o dinheiro para nós voltarmos. Mas ele disse que ficaria por pelo menos um ano. No outro dia meu pai foi ver onde era nossa terra e marcou tudo, porque não era mais tempo de plantio”, lembra emocionado o filho.

>> **Rosi Oliveira**
Redação DS

Os filhos relatam os sofrimentos passados, lembram inclusive quando o pai ia a Cuiabá comprar as coisas para o Natal e o carro quebrava e Francisco chegava somente depois do Natal, passando assim, os festejos pelas estradas.

Quando Francisco e filhos chegaram aqui, a época de plantio já havia passado, então começaram a fazer outras coisas até novamente chegar o tempo para fazer a plantação.

Os dias iam passando e as famílias iam se aproximando, o que fazia com que se ajudassem bastante. Por anos, o que se comia aqui era caça, inclusive quando se matava um animal grande tinha que dividir porque senão estragava, pois aqui moravam somente dez famílias. Depois de três anos é que apareceu um rapaz com uma vaca para matar, e depois de muito tempo matou outra, porque não tinha gente suficiente para comer a carne e nem onde guardar por falta da energia elétrica.

Quando a serraria foi instalada as coisas ficaram melhores, pois as pessoas

começaram a construir, sendo Francisco o primeiro pedreiro a construir a primeira casa de alvenaria, que é ali onde hoje é a Papelaria Atalaia.

Com as melhorias os filhos lidavam na terra e Francisco na construção e a vida foi sendo facilitada.

Francisco que gostava de tocar, passou a abri-lhantar as muitas festas realizadas, sempre com muita alegria e descontração.

A passagem de Francisco por Tangará da Serra foi tão forte que foi ele inclusive, também o primeiro a fazer um caixão na cidade.

Francisco viveu por bons anos ao lado dos filhos, mas teve a saúde abalada por um enfisema pulmonar, que apesar de todos os cuidados por parte dos familiares não teve melhora, levando o guerreiro Francisco e deixando somente saudade em seu lugar.

“Meu pai era tão severo que eu me casei no civil e tinha que casar na igreja lá em Cuiabá. Mesmo casada ele não deixou eu ir com meu esposo. Quase que ele desistiu de mim. Só me entregou depois de eu casar na igreja lá na capital. Ele era sistemático”, lembra Antonieta.

PROJETO

MEMÓRIA

COLETÂNEA DE REPORTAGENS PUBLICADAS NO DIÁRIO DA SERRA SOBRE TOPÔNIMOS TANGARÂENSES

REALIZAÇÃO

Diário da Serra

O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

APOIO

Gente que coopera cresce.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA